

DONA FILÓ: REDE DE APANHAR KIANDAS E SEREIAS
DONA FILÓ: NET CATCHING KIANDAS AND MERMAIDS
DONA FILÓ: RED PARA ATRAPAR KIANDAS Y SIRENAS

Regina Chamlian¹

RESUMO: Este artigo focaliza Dona Filó, quimbanda famosa na Ilha de Luanda, personagem de *Jaime Bunda, agente secreto*, romance do autor angolano Pepetela, com a finalidade de entender como se tece o conhecimento desta personagem, uma interlocutora dos espíritos das águas, que parece conhecer não só o presente, como também o passado e o futuro. Isso faz dela a grande detetive desse romance e, por extensão, associa Catarina Kiela, a menina assassinada, à própria Kianda.

ABSTRACT: This article focuses on Dona Filó, a famous kimbanda in Luanda Island, a character from *Jaime Bunda, agente secreto*, a novel by Angolan author Pepetela, in order to understand how the knowledge is woven in this character, an interlocutor of the spirits of the water, who seems to know not only the present but also the past and the future. This makes it the great detective in this novel and, by extension, associates Catarina Kiela, the murdered girl, with the Kianda itself.

RESUMEN: Este artículo se centra en Doña Filó, kimbanda famosa en la isla de Luanda, un personaje de la novela *Jaime Bunda, agente secreto*, del escritor angoleño Pepetela, con el fin de entender cómo se teje el conocimiento en este personaje, un interlocutor de los espíritus del agua, que parece conocer el presente, el pasado y el futuro. Esto hace que Dona Filó sea el gran detective en la trama y, por extensión, asocia a Catarina Kiela, la niña asesinada, con la Kianda.

1 Formada em cinema pela ECA-USP. Doutora em Letras pela FFLCH-USP e pesquisadora. Regina é escritora de literatura para crianças e jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Dona Filó; conhecimento; Kianda; utopias; justiça social.

KEYWORDS: Dona Filó; knowledge; Kianda; utopias; social justice.

PALABRAS CLAVE: Dona Filó; conocimiento; Kianda, utopías; justicia social.

Dona Filó tem as mãos estriadas e de veias salientes, a cara “toda enrugada, rugas sobre rugas, algumas parecendo cicatrizes profundas, marcas de muitos anos de sol e salitre” (PEPETELA, 2001, p.75). Ela representa o conhecimento feminino ancestral e não letrado que se desenvolve no campo da oratura², a experiência adquirida com a longevidade, o trabalho, a intuição, a espiritualidade, os saberes tradicionais, o pensamento mítico e os valores opostos ao racionalismo patriarcal do tipo ocidental.

Na Ilha de Luanda, Dona Filó é quimbanda famosa, interlocutora dos espíritos das águas, respeitada pela comunidade.



Foto: Juca Varella/ Fotos Públicas (22/07/2012)

2 Entendida aqui como o conjunto de manifestações culturais, artísticas e de outra natureza transmitidas oralmente, e que constituem, propriamente, um patrimônio de conhecimento.

Para os que não leram *Jaime Bunda, agente secreto*, do escritor angolano Pepetela, perdoem-me a revelação: Dona Filó é a verdadeira “detetive” desse romance. “Detetive do espiritual”, digamos assim. É ela quem de fato revela o assassino de Catarina e o leva à prisão pelo método de imposição das mãos no banco dos carros, que a equipe de Kinanga encontrara por descrição de testemunhas.

Dona Filó atua por meio de procedimentos não admitidos nas convenções do gênero policial, pois essas não aceitam a presença do fantástico ou maravilhoso como método de investigação.

É Dona Filó quem diz a Jaime que ele não conseguirá apanhar o assassino de Catarina e que tremerá quando vir tal assassino. Isso faz dela uma “vidente” em mais de um sentido, grande conhecedora também dos problemas de seu país, ao relacionar, de modo nebuloso, porém acertado, os dois crimes ocorridos na narrativa: um contra a menina Catarina, o outro contra a economia angolana.

Há outro quimbanda nessa história, do sexo masculino, mas ele não pertence a esse território da oratura. Presta “serviços” de aconselhamento e fechamento de corpo às altas e machas esferas do poder, como o senhor T, em troca de favores. Tal personagem é um rematado malandro relativamente culto, letrado, que fez mestrado em filosofia no Brasil (em instituição não mencionada no romance) e que, ao contrário de Dona Filó, usa a atividade religiosa e divinatória tão somente para se beneficiar.

Vamos iniciar nossa reflexão sobre esta personagem com base em seu nome: Filó. E em se tratando de Pepetela, convém rastrear as possibilidades relacionadas a tal denominação.

Como encontramos no dicionário, “filó” é o “tule de seda, algodão ou outro material (...) cuja urdidura forma uma espécie de rede”. E “rede”, no mesmo dicionário, é o “entrelaçado de fios, de espessura e materiais diversos, formando um tecido de malhas com espaçamentos regulares” com a qual se poderia “apanhar peixes, aves, insetos etc.” (HOUAISS, 2009).

É por esta rede sensória tão delicada que dona Filó apanha o vestígio da menina no banco do carro, conseguindo assim apanhar também o assassino.



Dona Filó tem “F” no nome e algo de aranha, de *femme fatale* (como convém às personagens femininas fortes no gênero policial), quando diz a Jaime que ele não conseguirá realizar o seu intento.

Em Dona Filó, entretanto, o lado *fatale* não se restringe ao que é “funesto” ou “mortal”, tem antes o sentido de “fado”, de “destino”, de “vaticínio”, conhecimentos que essa interlocutora das águas possui. Dona Filó, então, por meio de seu método não racional de investigação da realidade consegue apontar o autor do crime conseguindo, desse modo, praticamente solucionar o caso. Contudo, como dona Filó sabe o que sabe?

Em “Sinais – Raízes de um paradigma indiciário”, Carlo Ginzburg analisa um modelo epistemológico que chama de “paradigma indiciário”, surgido na esfera das ciências humanas por volta do final do século XIX, que se baseia na leitura e interpretação de indícios, marcas e sinais, com a finalidade de reconstruir um acontecimento. As origens desse paradigma se deveriam à atividade dos caçadores, *in illo tempore*, que necessitavam decifrar as marcas deixadas pela passagem dos animais. “O caçador teria sido o primeiro

a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (GINZBURG, 1989, p. 152).

Para Ginzburg, portanto, não só o paradigma indiciário, de grande importância para as ciências humanas, como também a arte da narrativa, seriam legado deste grupo humano que possuía este saber da arte venatória. Este modelo de conhecimento do caçador, como se vê, dirige sua busca para o passado. Esse mesmo padrão de investigação do passado, utilizado pelo caçador, é seguido também pelo detetive e pelo historiador.

O olhar de quem indaga pode ser dirigido para as diversas categorias temporais, como argumenta este autor: “Em suma, pode-se falar de paradigma indiciário ou divinatório, dirigido, segundo as formas de saber, para o passado, o presente ou o futuro” (GINZBURG, 1989, p. 154). Quando uma investigação busca, por meio de indícios ou sinais, desvelar o futuro, tem-se o modelo da adivinhação.

Reiterando: o caçador, o detetive e o historiador leem os indícios para reconstruir o passado; já o adivinho intenta ler o futuro. Quais desses modelos de conhecimento ou padrões de investigação da realidade dona Filó emprega em seus vaticínios e descobertas?

A primeira aparição de dona Filó, “a quimbanda famosa na Ilha” é no velório da Catarina Kiela. Quando vê Jaime Bunda entrar, cospe no chão com desprezo, pois foi informada de que ele é da polícia e esses tais levaram dali o corpo da menina, antes de cumpridos os necessários rituais. Algum tempo depois, Jaime senta-se ao lado dela para comer a refeição que serviam no velório, conforme costume angolano, e dona Filó põe-se a conversar com ele, dizendo-lhe que atirou búzios e viu na areia as pegadas deixadas pelos caranguejos, e que estas lhe indicaram que Jaime Bunda não iria descobrir o assassino. Como sabemos, dona Filó acertou em cheio, pois Jaime não descobriu o assassino da menina: a quimbanda famosa na Ilha de fato adivinhou.

Para reforçar esse modelo sagrado da adivinhação, lembramos que a pró-

pria dona Filó diz a Jaime Bunda: “Meu nome é Filó, Filomena no papel, nome de santa, não esquece. Quando tiveres medo de te mijar pelas pernas, lembra de mim”. O narrador nos revela os pensamentos de nosso detetive: “Raio da velha, era feiticeira ou quê? Com nome de santa?” (PEPETELA, 2003, p. 75).

Sim, poderíamos responder a Jaime Bunda, feiticeira e santa, ou santa e mãe de santo, pois dona Filó/Filomena é depositária de duas tradições religiosas: a africana e a europeia.

Como sabemos, será a própria dona Filó que vai descobrir a identidade do assassino, pelo método de imposição das mãos sobre o banco do carro do filho do deputado que levou Catarina de carona para a morte. Contudo, diferentemente da cena inicial com Jaime Bunda onde a quimbanda busca ler o futuro, aqui dona Filó lê o *passado*: a menina esteve lá. Esse é o modelo de conhecimento do caçador, do detetive, do historiador. O modelo do caçador só está presente como padrão: dona Filó foi naquele momento *detetive*, porque apontou o autor do crime, e *historiadora*, porque pôde ler o passado, não só por meio dos indícios, mas porque foi investida simbolicamente nessa narrativa como pessoa que conhece a fundo a história de seu país.

Na construção do conhecimento de mundo, portanto, Dona Filó utiliza o modelo sagrado da adivinhação, dom que ela tem em comum com santos e feiticeiros (o que já está contido em seu nome, como ela mesma o diz), e os modelos do caçador, do detetive e do historiador, ao buscar entender o passado.

Outro aspecto de dona Filó que gostaríamos de investigar é sua ligação com a menina assassinada. A fonte da ligação de dona Filó, uma “quimbanda famosa na Ilha”, interlocutora dos espíritos das águas, com a menina Catarina Kiela, obriga-nos a pensar: quem é esta menina? Essa menina também aparece na Ilha, lugar onde vivem os Axiluandas, “gente de Luanda”, “filhos do mar”, pescadores, uma comunidade de pessoas relacionadas com o negócio do peixe e com o culto aos espíritos protetores das coisas da água, entre eles a Kianda. Escreve Pepetela em *Luandando*: “No caso dos Axiluanda, a *kyanda* é o espírito mais venerado e que implica ritos mais constantes, pois

a sua influência é grande na actividade dos pescadores, sempre relacionada com o mar” (1990, p.134).



Foto: Juca Varella/ Fotos Públicas (19/06/2012)

A Kianda, em Luanda, *cidade e literatura*, é a mais ilustre moradora e a guardiã dessa cidade:

A galeria de habitantes da Luanda da escrita não estaria completa sem a moradora mais ilustre da cidade: a Kianda. É a ela que são dedicadas as festas da Ilha, é a Kianda que guarda as águas da capital angolana (sejam as do mar ou as da “lagoa do Kinaxixe”, por exemplo) e a ela é dedicada à cidade de Luanda, conhecida como a “cidade da Kianda”. (MACÊDO 2008, p. 137)

Ainda na obra acima citada, sua autora se pergunta que aparência teria a “sereia” do Kinaxixi (a Kianda) e onde ela residiria atualmente, já que aterram sua lagoa? E responde em seguida: “Segundo o imaginário luandense, a Kianda, que tem uma aparência humana (não guardando qualquer semelhança à sereia europeia, figura híbrida peixe/mulher) continua a morar no Kinaxixi, de onde nunca se ausentou” (MACÊDO, 2008, p. 140). E é essa pesquisadora também que nos oferece à leitura o trecho do *Correio da sema-*

na assinado por José Luandino Veira e Arnaldo Santos e citado pelo antropólogo Virgílio Coelho, com uma descrição da Kianda que não deixa margem a dúvidas, pois é depoimento de “testemunhas luandenses privilegiadas”:

Qual sereia, qual areia! Sereias eram as tágides do zarelho Luís Vaz de Camões e as outras ditas que obrigaram Ulisses de lhe amarrarem num mastro, como cantou outro poeta cego, o grego Homero. (...) Quianda, quituta e outros belos nomes, é ser inteiro completo. Garanto por que lhe vi, na nossa lagoa do Kinaxixi. Se é homem, é inteiro, mulher inteirinha é. Nada de bipolarização. Que se escondem, por vezes, em pessoas penando no mundo, em disfarce de pequena deformidade física, coisinha de dar aviso a todos nós, os que não sabem ler mas sabem saber. (MACÊDO, 2008, p. 142)

Lemos também no texto de Ruy Duarte de Carvalho: “as “sereias” são como as pessoas, andam calçadas mesmo, podem até usar “quedes” (CARVALHO apud MACÊDO, 2008, p.141). Se a Kianda pode andar por aí, de chinelo ou quedes, na forma de homem ou de mulher, quem sabe até poderia tomar uma carona com um assassino (como fez Catarina Kiela) e sofrer o que os humanos sofrem, mesmo sendo um encantado do reino mágico ou maravilhoso?

Esse assassinato simbólico que estamos sugerindo aqui se reforçaria pela data em que o crime ocorreu, 11 de novembro, coincidindo com o feriado da Independência de Angola. A Kianda é associada à cidade de Luanda, e essa cidade não só se ofereceu como um lugar onde as diversas etnias de Angola se reuniram, podendo gestar assim um projeto de nação, como também abrigou os ideais do projeto da nação independente e suas utopias (irrealizadas). Para o benguelense Pepetela, foi nos musseques de Luanda que se forjou um projeto de nação:

[...] o musseque era (e tudo leva a crer que permanece) um espaço transétnico onde de facto nasceu a ideia de nação e onde ela se reforça constantemente pela integração dos elementos que vão chegando das zonas rurais. (PEPETELA, 1990, p. 108)

Como não associar as utopias sonhadas e irrealizadas ao assassinato simbólico da Kianda, a guardiã e moradora mais ilustre da capital de Angola?



Pôr do sol na praia da Ilha de Luanda. Luanda-Angola, 02/08/2012- Foto: Juca Varella/ Fotos Públicas (02/08/2012).

E há ainda outro elemento a fortalecer nossa hipótese: a festa da Kianda em Angola se comemora em novembro.

Se pudéssemos fazer semelhante associação, teríamos aqui um motivo adicional para que dona Filó, a interlocutora dos espíritos das águas, viesse a ser, no romance, a escolhida para “apanhar” (no banco do carro do filho do deputado) a passagem dessa personagem, vindo a ser a única a dialogar com uma presença-ausência, com um presente-passado, com uma perda, não só porque dona Filó é a interlocutora destes *ituta* (seres espirituais ligados à natureza), como também porque esta narrativa parece querer nos dizer que a Kianda só pode existir ligada a seu lugar de origem, à sua paisagem ancestral, e que esta vem sendo alterada velozmente nesses novos tempos.

Ainda resta dizer que, como vimos, a ação de dona Filó, ao descobrir a pre-

sença de Catarina Kiela no banco do carro do filho do deputado por imposição das mãos, é inexplicável de modo “racional”, trata-se de intervenção sobrenatural que podemos associar ao campo do mágico ou maravilhoso. Ainda que em tristes condições, o ato de dona Filó, a interlocutora dos espíritos das águas, naquele momento, reencanta o mundo, podendo ainda ministrar-lhe certa esperança de justiça.

Referências

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

PEPETELA. Jaime Bunda, *agente secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PEPETELA. *Luandando*. Luanda: Elf Aquitaine Angola, 1990.